

O Mefistófeles do Iluminismo: a Primeira Guerra Mundial como ressignificadora da concepção moderna de História nos ensaios de Bertrand Russell

The Mephistopheles of the Enlightenment: The First World War as a reframe of the modern conception of history in Bertrand Russell's essays

Marlon Ferreira dos Reis¹

Resumo: Considerando que a Primeira Guerra Mundial foi um evento simbólico do século XX, objetiva-se no presente artigo delinear a representação do conflito na coletânea de ensaios *Portraits from Memory & Others Essays* (Retratos da Memória & Outros Ensaios), de Bertrand Russell (1872-1970). De tal maneira, almejo demonstrar como a batalha de 1914-1918 ressignificou ideais da tradição da modernidade europeia nos escritos do autor. Para tanto, explicitarei trechos dos escritos de Russell nos quais o autor indica o impacto da Primeira Guerra em si mesmo e no mundo (intelectual e material) a sua volta. Acredito que o conflito em questão propiciou uma releitura do filósofo acerca do modo de pensamento iluminista, direcionando o autor para a reelaboração do racionalismo científico e expressando novas concepções de progresso, ciência e da humanidade. O que, por conseguinte, renovou aspectos da filosofia da modernidade, tendo como molde as novas experiências do século XX.

Palavras-chave: Bertrand Russell; Primeira Guerra Mundial; Iluminismo.

Abstract: Considering that the First World War was a symbolic event from 20th century, the aim of this paper is to draw the representation of the conflict on Bertrand Russell's (1872-1970) companion *Portraits From Memory & Others Essays*. Thereby, I aim to demonstrate how the battle of 1914-1918 re-meant ideas from European modernity tradition on the author's writing. To this end, I will expose parts from Russell's texts in which the author indicates the impact of the First War on himself and on the world (intellectual and material) around him. I believe that the conflict provided a rework of Enlightenment scientific's rationalism and expressed new conceptions of progress, science and humanity – facts that reframed aspects from the philosophy of modernity mirroring the new experiences from the 20th century.

Keywords: Bertrand Russell; First World War; Enlightenment

Introdução

O artigo que aqui me disponho a escrever tem como objetivo demonstrar a representação da Primeira Guerra Mundial dentro da coletânea de ensaios, *Retratos da Memória & Outros Ensaios* (com escritos produzidos entre 1951-1956), do filósofo e matemático britânico Bertrand Russell (1872-1970). A hipótese desse trabalho é de que o conflito bélico de 1914-1918 possibilitou uma mudança tão significativa no espaço de experiência do autor (e da sociedade europeia) que marcou a reestruturação de uma concepção de tempo baseada nos ideais iluministas de progresso contínuo e eurocentrismo.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, bolsista CNPq.

Nesse sentido, a Guerra existiu como uma situação cuja tradição intelectual europeia não foi capaz de fornecer respostas significativas para os novos dilemas que o continente tinha de enfrentar. Usualmente, colocamos em foco a tradição filosófica de pensamento que deu origem ao pós-estruturalismo e/ou ao “pós-modernismo” como desenlace do conflito e do espaço aberto pela fratura da modernidade.² Justamente por isso, a escolha de Russell é significativa, pois este é adepto de uma concepção da história na qual as raízes da modernidade estão bem aparentes. O filósofo aqui em questão acreditava que fora justamente a falta de racionalidade a causa maior dos conflitos do século XX e que a Primeira Guerra Mundial foi o início de uma queda constante da humanidade.

Desse modo, nós podemos entender as ideias de Russell, e de outros contemporâneos, como respostas aos questionamentos levantados pelos conflitos do século XX. Paralelamente à tradição “pós-modernista” e/ou pós-estruturalista, há outra via que seria desse (neo)racionalismo que se insere na tradição do pensamento científico do Iluminismo. Uma tradição que não foi extinta, mas que, muito pelo contrário, estende-se até a contemporaneidade em diversos discursos científicos (especialmente de especialistas nas ciências naturais). Para citar apenas quatro produções expressivas, temos: Carl Sagan, e seu livro *O mundo assombrado pelos demônios*; Steven Pinker, com seu *O novo Iluminismo*; Richard Dawkins, com seu *Deus, um delírio*; e Yuval Noah Harari, com seu *Sapiens – a saber*, os três primeiros livros fazem menção concordante às ideias de Bertrand Russell (se ampliarmos a lista de autores do gênero, o fenômeno se mantém).³ Os quatro livros trazem uma concepção de ciência e racionalidade que, apesar de diferir em diversos aspectos cruciais, adentram na tradição iluminista que afirma a Razão (sendo sinônimo de ciência) como meio para se alcançar um mundo melhor.

Sobre o objeto deste artigo: Bertrand Russell foi o Terceiro *Earl* Russell, neto do duas vezes primeiro ministro da rainha vitória *Sir John Russell* (1792-1878), matemático e filósofo formado pela *Trinity College Cambridge*. As contribuições de Russell a filosofia como um todo o elevaram para o patamar de um dos filósofos mais influentes do século XX; ao mesmo tempo, foi reconhecido na esfera pública por seus escritos sobre a moral, suas campanhas contra a Primeira Guerra Mundial e na luta pelo desarmamento nuclear. Louvado por discutir diversos temas, é autor de mais de setenta livros, dois mil artigos publicados e laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1950.⁴

O livro que aqui analiso é um escrito posterior ao conflito da Primeira Guerra. Nele encontramos trinta e dois ensaios que abordam desde a adaptação ao mundo do pós-guerras, até os caminhos que, segundo

² PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

³ Ver: SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.; PINKER, Steven. *O novo Iluminismo*: em defesa da razão, da ciência e do humanismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.; DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. HARARI, Yuval N. *Sapiens*. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.

⁴ MONK, Ray. *Bertrand Russell*. British logician and philopher. Encyclopædia Britannica, 2019. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Bertrand-Russell> > último acesso 03/06/2020.

Russell, deveriam ser tomados para se alcançar a paz. Tais textos são ricos de uma fortíssima relação com os ocorridos em seu contexto sócio-político global, visto que almejam construir, refletir e analisar um período incerto e turbulento. Justamente por serem ensaios que se debruçam sobre as consequências dos conflitos anteriores e apresentam uma maturação das ideias do autor ao longo dos anos belicosos que viveu, escolhi-os como fonte central desse artigo. Todas as produções ensaísticas contidas na coletânea possuem um enorme grau autobiográfico, que delineiam a experiência do autor, como demonstrei em outras ocasiões.

O mundo antes de 1914

Ao longo das duzentas e quarenta e seis páginas da coletânea Retratos da Memória, os termos “Primeira Guerra Mundial” e “Primeira Guerra” são escritos vinte e uma vezes. Se compararmos com as nomenclaturas “Segunda Guerra Mundial” e “Segunda Guerra”, estas últimas foram proferidas apenas cinco vezes. A terminologia “Grande(s) Guerra(s)” foi utilizada, ao todo, cinco vezes também, sendo duas destas referindo-se exclusivamente à Primeira Guerra Mundial. A partir disso, já se pode notar um indício de que os eventos de 1914 possuem um peso significativo na coletânea, pelo menos em relação aos de 1939-1945. De fato, o estourar da guerra de 1914 é caracterizada como fundamental para a formação intelectual de Russell, pois significou tanto o abandono da matemática quanto a revisão das concepções históricas e sociais do filósofo.

Como a fonte em questão aponta, assim como uma extensa gama de outras produções, a Primeira Guerra Mundial foi uma tragédia que implicou na perda expressiva de força de muitos dos ideais europeus representantes da tradição de pensamento do século XIX. Ela marcou o fim de uma época e o início de um novo período, mais sangrento, mais tenso, com mais horrores e calamidades.⁵

Em diversos ensaios de seu livro, Russell afirma que o mundo antes de 1914 tinha um padrão estável aparente, no qual era esperado que nada se alterasse fundamentalmente, mas sim que ocorresse apenas por uma evolução gradual, tendo a Inglaterra como padrão referencial. Antes do século XX, vemos que as grandes potências do mundo eram europeias e todas estas eram monarquias, exceto a França, que deixou de ser dois anos antes do nascimento de Bertrand Russell. Nessa linha, o matemático aponta que nasceu em uma atmosfera impregnada de tradição, e escreveu: “algum período foi tão abençoado com a cegueira em relação ao futuro?”⁶ O autor prossegue afirmando que as coisas que acreditava serem boas no século XIX

⁵HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

⁶RUSSELL, Bertrand. *Portraits from memory & other essays*. New York: NY, Simon and Scuster, Inc. Rockefeller Center, 1956, pp. 121. As traduções das citações extraídas das obras de Russell e de outros títulos referenciados em inglês, são de minha responsabilidade.

ainda acredita serem no XX, entretanto, algumas destas parecem muito mais distantes do que “naquele período feliz”.⁷

Somado a esse saudosismo, os ensaios russellianos apresentam algo compartilhado por diversos indivíduos do século XX: a sensação de aceleração do tempo. O matemático afirma que sentiria um prazeroso êxtase se sua sociedade pudesse “esperar por algo tão confortável como a estagnação”.⁸ Cada vez mais, e de forma mais intensa, desde o início da modernidade, as mudanças acontecem com maior velocidade, dificultando que o passado seja significado na forma de tradição, e que estabeleça uma base sólida como raiz do presente. Acerca da aceleração do tempo iniciada com a modernidade, Reinhart Koselleck expressou que,

[...] se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim às alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.⁹

Ainda nessa linha, Marshall Berman divide a modernidade em três fases: na primeira, do início do século XVI até o fim do XVIII, as pessoas estão começando a experimentar a vida moderna. A segunda, com a grande onda revolucionária de 1790, ganha vida um extenso e moderno público. Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, um momento que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política. Simultaneamente, o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é habitar um mundo que não chega a ser moderno (novo) por inteiro. É dessa dicotomia, da sensação de viver em dois mundos, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo, como movimento artístico, e modernização, como pauta político-ideológica. Na terceira e última fase, o processo de modernização e a cultura mundial do modernismo se expandem a ponto de abarcar virtualmente grande parte do globo. Por outro lado, à medida que se expande, o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos; “a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas”.¹⁰

Em suma, o que temos é que os modernos do século XIX são distintos dos subsequentes, especialmente pelo fato do Novecentos representar, de acordo com o Berman, uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade. Entretanto, a ideia de controle sobre o futuro, ou para recuperar o argumento de Koselleck, da temporalização da história, define essa própria modernidade. O

⁷*Ibidem*, pp. 45. Grifos meus.

⁸*Ibidem.*, pp. 128.

⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora/PUC-Rio, 2006, pp. 16.

¹⁰ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986, pp. 14.

historiador alemão declara que “[...] a nova consciência de época, desde o final do século XVIII, caracteriza-se pelo fato de o próprio tempo não ser mais experimentado apenas como fim ou como começo, mas como um tempo de transição”.¹¹

Podemos dizer que, antes da Primeira e Segunda Guerra Mundiais, para muitos pensadores, o futuro guiava o tempo, no sentido de que, como expressou Russell, via-se o aperfeiçoamento como inevitável. Dessa maneira, a fragmentação do público moderno implica na fragmentação de concepções sobre a modernidade (não necessariamente sofisticadas), assim, os eventos de 1914 trouxeram a urgência de respostas e, a partir do tecido intelectual, diversas alternativas surgiriam a fim de suprir essa demanda. No trabalho sobre Bertrand Russell e os pacifistas na Primeira Guerra, Jo Newberry relata que o filósofo inglês ainda bebeu da tradição do Iluminismo [*Enlightenment*] inglês; era um fiel crente da Razão, e do uso correto da mesma, da qual o próprio pensamento liberal do século XIX deriva.¹² Até então, o liberalismo moderno expressava a ideia do progresso ordenado e inevitável que se espalharia pelo mundo, e da ótica europeia, de fato, esse modelo de desenvolvimento mundial parecia teoricamente tangível.¹³ Quando esse horizonte de expectativa cosmopolita se metamorfoseia em virtude de uma experiência de trauma, o próprio modo de enxergar o século XIX se altera: Bertrand Russell aponta que o século XIX seria um interlúdio entre a civilização e o barbarismo.¹⁴

A palavra “Civilização” é central para compreender a ideia de progresso e o impacto da Primeira Guerra, pois, “a simultaneidade daquilo que não é contemporâneo entre si, de início uma experiência surgida da expansão para o ultramar, passou a ser o padrão básico para que a crescente unidade da história universal a partir do século XVIII fosse interpretada como progresso”.¹⁵ O fato de se terem diferentes temporalidades e relações humanas com um referencial de progresso predeterminado é que se constroem perspectivas de evolução e regressão em todos os âmbitos da vida. Cria-se, desta forma, um eixo temporal linear em que no horizonte vê-se o desenvolvimento e tudo o que está “atrás” é uma espécie de barbarismo selvagem. A base do pensamento positivista colonizador está justamente no estabelecimento de reduções dualísticas da realidade, em um achatamento depreciativo dos sujeitos e sociedades.¹⁶

¹¹ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.*, pp. 288.

¹² NEWBERRY, Jo. *Bertrand Russell and the pacifists in the First World War*. Tese submetida para a obtenção do grau de *Doctor of Philosophy* para a McCaster University, 1975, p. 11.

¹³ Bobbio argumenta que um dos defeitos do liberalismo seria justamente a sua incapacidade de exercer o cosmopolitismo de sua filosofia. Ver: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 686-687.

¹⁴ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 56.

¹⁵ KOSELLECK, Reinhart. *Op. Cit.*, pp. 293.

¹⁶ Não digo aqui que Russell é um colonizador ou imperialista, muito pelo contrário, foi um militante contra o imperialismo britânico e a favor da descolonização dos países. O ponto é que as justificativas de subjugação de outros povos teve como base o eurocentrismo, que era em certo grau uma característica do pensamento russelliano antes de 1914.

A Primeira Guerra Mundial como Mefistófeles

A explosão da Primeira Guerra fez com que esse eixo linear ganhasse uma dimensão na qual se torna possível desfazer o progresso europeu adquirido, ou seja, voltar ao “barbarismo” que fora desonestamente legado as populações colonizadas. Baseado nisso, o historiador inglês Eric Hobsbawm defende que para muitos que nasceram antes da Primeira Guerra Mundial, “‘Paz’ significava ‘antes de 1914’”.¹⁷ Até o conflito em questão explodir, não havia um combate que envolvesse todas as potências, ou a maioria delas, há um século. No verão de 1914, nasce uma era de massacres em que as nações europeias teriam como objetivo a destruição umas das outras – e que demonstraria a própria hipocrisia do positivismo e historicismo europeu.

Em realidade, Marc Ferro relata que diversos trabalhos literários e jornalísticos previam uma guerra entre as potências europeias, e essa literatura reflete as preocupações e anseios da sociedade pré-Guerra. O governo britânico vinha se preparando para uma possível investida na costa da Jutlândia desde 1911, e ainda chegou a enviar forças armadas para a Antuérpia como forma de proteção de um possível ataque. Independentemente do tom pacífico do discurso governamental, os ingleses já possuíam planos de ofensiva contra a Alemanha e isso é tão significativo quanto os devaneios e previsões da guerra imaginada pelos escritores.¹⁸

A autoconfiança e fé no progresso dos intelectuais estavam rachando antes da Guerra Mundial, entretanto, a batalha apressou o mergulho na dúvida e no isolamento desse modelo de concepção do tempo. A opinião britânica, antes de 1914, era de que a guerra era esperada como uma eventual probabilidade, porém visualizada com medo por todos. Contudo, quando a Primeira Guerra estourou, teve pouco tempo com uma atmosfera de medo e emergência; quase que imediatamente depois, as aflições evaporaram e o conflito foi abraçado por grande parte da população.¹⁹ Bertrand Russell rememora que observou com desânimo o crescente perigo de uma Guerra (já em 1902, ele desgostava da política da Tríplice Entente). O matemático afirma ter previsto que uma grande guerra iria marcar o fim de uma época e reduzir drasticamente o nível geral de civilização.²⁰

Nos anos antes de 1914, as nuvens ameaçadoras apareceram no horizonte, mas ainda era possível se manter otimista e esperar que os acordos diplomáticos fossem prevenir uma catástrofe.²¹ Bertrand Russell achou impossível acreditar que a Europa seria tão insensata de mergulhar em uma guerra contra si mesma. Ao mesmo tempo, o matemático era assombrado pelo fato de que se houvesse um conflito entre todas as potências, a Inglaterra provavelmente estaria envolvida. Para tentar evitar tal fato, o filósofo coletou um grande número de assinaturas de professores e colegas em favor da neutralidade britânica, formando um

¹⁷ HOBBSAWM, Eric. *Op. Cit.*, pp. 37

¹⁸ FERRO, Marc. *The Great War: 1914-1918*. London & New York: Taylor & Francis e-Library, 2006, pp. 29-38.

¹⁹ MARWICK, Arthur. *The Deluge: british society and the first world war*. New York: Palgrave Macmillan, 1991, pp. 55-69.

²⁰ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 26.

²¹ *Ibidem.*, pp. 45.

documento que seria publicado pelo jornal *Machester Guardian*. Pouco tempo depois dessa publicação, a guerra foi declarada e, nesse 4 de agosto, quase todos os assinantes mudaram suas opiniões. O filósofo inglês reflete: “olhando para trás, parece extraordinário que ninguém percebeu com clareza o que estava vindo”.²²

A Primeira Guerra estourou e, do lado liberal daqueles que foram favoráveis ao conflito, o famoso escritor inglês Herbert G. Wells formulou a frase emblemática de que a Grande Guerra seria “a guerra que acabará com todas as guerras” e que, “na hora da vitória”, a Grã-Bretanha “salvaria os alemães do tratamento vingativo”.²³ Obviamente estas afirmações não passaram de um enorme engano. O fato curioso é que Russell teve uma aproximação com Wells quando ambos participaram de um grupo, no qual todos os membros, exceto os dois, eram imperialistas e pelo fato de Wells, nessa época, crer, ironicamente, que uma Grande Guerra era uma insensatez. Após Wells se tornar belicoso, Russell o criticou pelo otimismo, visto o estado em que o mundo se encontrava.²⁴

O filósofo inglês relata que passou a tarde de 4 de agosto caminhando pelas ruas e notando multidões comemorando historicamente, para nos dias seguintes descobrir, para sua surpresa, que grande parcela dos homens e mulheres estavam deleitados com a prospectiva de uma guerra. Até esse momento, o autor imaginava que conflitos armados eram forçados sobre populações relutantes por governos maquiavélicos e despóticos.²⁵ Novamente, há uma quebra de expectativa, desta vez não só com o Estado e os estadistas, mas com a população de modo geral. Em uma passagem simbólica, Russell relata:

após ver trens de tropas partindo para Waterloo, eu costumava ter estranhas visões de Londres como um lugar de irrealidade. Eu imaginava ver pontes se quebrando e afundando, e toda a cidade desaparecendo como uma neblina matinal. Seus habitantes começaram a parecer alucinações, e eu me perguntava se o mundo em que eu pensava ter vivido era um mero produto dos meus próprios pesadelos febris.²⁶

Em essência, a Primeira Guerra foi vista por Russell como um enorme lapso de insensatez, causando assim uma fratura de continuidade no progresso. A Primeira Guerra foi um evento forjador do século XX que simbolizaria todo o tempo subsequente. Ademais, a guerra pode ter sido, como afirma Hobsbawm, “uma catástrofe histórica precipitada por um erro político e de cálculo”.²⁷ As ilusões de uma guerra curta, de vitória fácil, acabaram quando a Grande Guerra se espalhou pela África, através dos oceanos, e transformou a Europa em um enorme campo de batalha. O século XX, aos olhos de Russell, se mostrou o completo

²²*Ibidem.*, pp. 27.

²³ WELLS, Herbert G. Daily News, 14 August 1914. Daily Chronicle, 8 August 1914. Apud: MARWICK, Arthur. *Op. Cit.*, pp. 88.

²⁴ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 85.

²⁵ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 27.

²⁶*Ibidem.*, pp. 28.

²⁷ HOBBSAWM, Eric. *Op. Cit.*, pp. 13.

contrário do século XIX, que foi um período de progresso material, intelectual e moral quase ininterrupto de melhoria nas condições de vida europeia. Russell expressou uma clara redução no otimismo, afirmando, por exemplo, que “as esperanças desse período [o século XIX] parecem agora um pouco absurdas”.²⁸ Hobsbawm aponta que, a partir de 1914, houve uma acentuada regressão dos padrões tidos como normais nos países desenvolvidos, os quais todos acreditavam que estavam se espalhando para as regiões “mais atrasadas” e para as camadas “menos esclarecidas”.²⁹

A tese de Modris Eksteins é de que o envolvimento britânico em 1914 converteu a luta pelo poder continental em uma verdadeira guerra de culturas. Ao mesmo tempo em que as tensões se desenvolviam entre as nações, conflitos fundamentais vinham à tona em quase todas as áreas da atividade e do comportamento humano.³⁰ Desde o início, a guerra para a Grã-Bretanha não tinha relação com territórios em si, a invasão à França era uma ameaça estratégica muito mais séria do que a invasão à Bélgica, mas publicamente, o discurso era de uma defesa desta última. Desde o início, a guerra foi, para os britânicos, um conflito de valores em torno da própria ideia de civilização.

Bertrand Russell atesta isso apontando que, no calor da guerra, fora dito que este era um conflito por liberdade, pela democracia e contra o militarismo, contudo, ao fim e ao cabo, era apenas uma guerra por hegemonia econômica e cultural. Tragicamente, após 1918, a liberdade diminuiu e o militarismo se espalhou em demasia pelo mundo. Entretanto, no início do conflito, não havia dúvidas: os soldados marcharam para a guerra com prazer, muitos cantando, com rosas em seus rifles, rumo ao *front*.³¹

O que o filósofo inglês deixa explícito em diversos ensaios é que a Primeira Guerra foi responsável por balançar muitos de seus preceitos e o fez repensar em diversas questões fundamentais. Bertrand Russell relata adquiriu o hábito de ver a si mesmo como um Fausto não-sobrenatural para quem Mefistófeles era representado pela Primeira Guerra Mundial. O matemático não adentra muito nessa comparação de si com o personagem criado por Johann W. Goethe, mas tudo leva a crer que o espírito do personagem Fausto e o de Russell se aproximam no sentido de que ambos estavam interessados em compreender a totalidade das coisas do mundo.

Entretanto, o que aqui também me interessa nessa comparação é uma discussão levantada por Marshall Berman, na qual o autor relata que Goethe e Fausto³² representam o início do modernismo. “O Fausto de Goethe expressa e dramatiza o processo pelo qual, no fim do século XVIII e início do seguinte, um sistema

²⁸ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 2. Sobre a questão da atmosfera cultural da Europa durante o período referente, ver: MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁹ *Ibidem.*, pp. 22.

³⁰ EKSTEINS, Modris. *A sagação da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

³¹ FERRO, Marc. *Op. Cit.*, pp. xi.

³² Fausto é um poema trágico de língua alemã dividido em duas partes, escrito por Johann Wolfgang von Goethe. O enredo se trata de um personagem, Fausto, que possui todas as ciências, todavia se mostra insatisfeito com o que já tem. Buscando sabedoria, Fausto faz um pacto com um demônio, Mefistófeles. A história trata do desejo de Fausto pelo absoluto.

mundial especificamente moderno vem à luz”.³³ O que Fausto deseja para si mesmo é um processo dinâmico que abarca todas as experiências humanas juntas, assimilando-as ao seu crescimento próprio. Acima de tudo, “o Fausto de Goethe é a primeira e ainda melhor tragédia do desenvolvimento”.³⁴

Uma nova Europa despontava no horizonte. Ainda assim, confundiram-se as ideias contemporâneas do que a guerra realmente era e de como ela devia ser travada e de seus resultados. Na tradição europeia, a guerra sempre foi um poderoso instrumento de mudança política da elite, justamente por isso, endossou-se uma aura de masculinidade, glória e prestígio deste gênero de conflito no âmbito cultural. Todavia, com a industrialização dos países beligerantes, todos sabiam que a guerra estava mudada, só não se sabia com certeza ainda de que maneira.³⁵

O choque não veio apenas da transformação da guerra, mas também das intenções e dos resultados obtidos. “A disparidade entre o que causou a guerra (independente de qual era a visão) e o que a guerra se tornou era o coração do assunto”.³⁶ A partir de 1914, a guerra era a representante de todas as grandes transformações: “em muitos aspectos a guerra era a revolução, e isso ajuda a explicar o golfo entre intenção e resultado”.³⁷ A Primeira Guerra só revelou sua verdadeira face com a contagem das mortes em massa.

Ao contrário do que H. G. Wells conjecturou, a Primeira Guerra Mundial não foi um fim, mas sim um começo; as forças e disputas iniciadas e transformadas, continuariam a “desestabilizar” as vidas humanas pelos anos que viriam. Em suma, “as consequências pareciam maiores e mais incontroláveis do que as origens, e o resultado, em retrospecto, cada vez mais desproporcional às causas”.³⁸ A insensatez, a ironia, o horror, o medo e outros sentimentos, ganharam espaço nas experiências do tempo. Como simplifica Bertrand Russell: “o mundo entre guerras era atraído pela loucura”.³⁹

Essa insensatez coletiva, como Russell expressou, era fruto da própria insensatez das instituições como um todo. Os princípios de liberdade se enfraqueceram, tal como os de Estado não-interventor. “Em resumo, o liberalismo fez uma retirada durante toda a Era da Catástrofe, movimento que se acelerou acentuadamente depois que Adolf Hitler se tornou chanceler da Alemanha em 1933”.⁴⁰ Era difícil, como lemos em Russell, adaptar-se a esse novo modelo de governança.

Nesse sentido, podemos imaginar o impacto que isto representa para um indivíduo que nasceu ainda no século XIX, com um forte discurso dos valores de 1688. Para que vingasse a velocidade, o novo, o transitório, o desenvolvimento “[...] toda uma escala de valores e crenças teve de ceder o lugar de honra, e a

³³ BERMAN, Marshall. *Op. Cit.*, pp. 45

³⁴ *Ibidem*, pp. 47.

³⁵ HORNE, John (org), *A companion to World War I*. Sussex: Blackwell Publishing Ltd., 2010.

³⁶ HORNE, John (org). *Op. Cit.*, pp. xvi

³⁷ *Ibidem.*, pp. xvi.

³⁸ HORNE, John (org). *Op. Cit.*, pp.xx.

³⁹ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 116

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. *Op. Cit.*, pp. 115.

Grande Guerra foi [...] o acontecimento mais significativo nessa evolução”.⁴¹ Se analisarmos, por exemplo, o escritor alemão Ernst Jünger, após testemunhar a Batalha de Somme, a guerra e a vida tinham outra aparência: “aqui desapareceu para sempre o cavalheirismo. Como todos os sentimentos nobres e pessoais, ele teve de ceder o lugar ao novo ritmo da batalha e ao poder da máquina. Aqui a nova Europa se revelou pela primeira vez no combate”.⁴² A partir da imagem de soldados correndo em direção à metralhadoras em um estilo arcaico, sem compreender exatamente como se travava a nova guerra que batalhavam, Eksteins relata que “o herói tornou-se a vítima e a vítima o herói. O atacante tornou-se o representante de um mundo, o mundo do século XIX, que foi demolido por esta guerra”.⁴³ Se o atacante era o representante de um mundo agonizante, o defensor, a vítima, tornou-se símbolo de um novo mundo nascente.

Os Estados beligerantes exerceram grande esforço para transformar esse conflito em algo da vida pessoal. Todavia, a Primeira Guerra significou uma “guerra total”? John Horne argumenta que, se considerarmos que a luta da “guerra total” é um processo evolutivo, suas origens podem ser razoavelmente identificadas mais remotamente no passado, nas guerras revolucionárias francesas como o primeiro conflito ideológico secular. Nesta perspectiva, os eventos iniciados em 1914 seriam um estágio importante na crescente capacidade da guerra em mobilizar e devastar sociedades – e que se tornaria cada vez mais sofisticado nos anos subsequentes.⁴⁴

Pode-se argumentar que nenhum fenômeno social é total, que a ideia de uma “guerra total” é apenas uma ilusão. Para Horne, esses argumentos têm força, mas correm o risco de perder a essência da Primeira Guerra com sua lógica totalizante (ou potencial totalizante) sobre a qual os seus contemporâneos estavam cientes de sua novidade e singularidade. Os termos e linguagens da mobilização nacional e da “automobilização” nos principais participantes em 1914, e o processo mais profundo de formação nacional e participação política que os sustentam, eram eles mesmos uma dimensão vital da totalização da guerra, sem o qual nenhuma persistência dos combatentes ou a duração do conflito seria explicável.⁴⁵

Nesta linha, podemos pensar como Arthur Marwick e perceber que a guerra não é algo separado da sociedade, mas surge *da* sociedade. Sociedades engajam-se (e desengajam-se) com a guerra. Portanto, em vez de pensar a sociedade em um ponto e a guerra fora deste, deve-se enxergá-la como um *continuum*; uma sociedade *em* guerra.⁴⁶ Dessa maneira, Marwick separa quatro aspectos da guerra: (1) seu potencial destrutivo, ou seja, vê-la como uma grande catástrofe, destruidora também dos laços com o século XIX; (2) a guerra como um teste das instituições existentes, assim como seu modo de governar; (3) o envolvimento

⁴¹ EKSTEINS, Modris. *Op. Cit.*, pp. 12.

⁴² JÜNGER apud WINTER, Denis. *Death's men: soldiers of the Great War*. Middlesex: Penguin Books Ltd, p. 1979, pp. 277.

⁴³ EKSTEINS, Modris. *Op. Cit.*, pp. 190.

⁴⁴ HORNE, John (org.), *State Society and mobilization in Europe during the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, pp. 3.

⁴⁵ HORNE, John (org.). *Op. Cit.*, 2002, pp. 3.

⁴⁶ MARWICK, Arthur. *Op. Cit.*

dos estratos mais baixos da população; (4) pensar a guerra como uma experiência psicologicamente cataclísmica.⁴⁷ Estes quatro tópicos são potencializados vertiginosamente no século XX e são fundamentais quando se trata da metamorfose da forma na qual se articula a experiência do tempo. O caráter disruptivo e destrutivo do conflito têm outra face que é a da reconstrução: o que a guerra destrói, hora ou outra precisará ser reconstruído – inclusive, eu adiciono: a “reconstrução” das concepções de história.

O desenlace dos conflitos

Em 1917-18 o governo britânico, tal qual o francês, engajou-se em uma campanha de propaganda a fim de combater os pacifistas. Chegou-se à conclusão de que mobilizar a sociedade para uma “guerra total” requeria mais do que poderes expandidos de repressão conferidos por legislações de tempos de crise; era necessário um grau de consentimento popular que estava intimamente ligado à coesão interna da nação. Russell, em 1918, fora preso por “propaganda pacifista” na tentativa de enfrentar a continuação do conflito, sendo vítima, em maior ou menor grau, da violência estatal contra seu próprio povo.⁴⁸ O final da guerra foi marcado pela imposição do alistamento universal em solo britânico, sendo um evento de central importância na história social da guerra, pois implicou uma mudança definitiva na política de governo.⁴⁹

A Europa pagou o preço de demolir as colunas dos seus valores mais sagrados. Não há como compreender o “breve século XX”, para falar nos termos de Hobsbawm, sem a Primeira Guerra, pois foi um período marcado pelo massacre, no qual se “viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam”.⁵⁰

Esse passado sangrento se vê rejeitado como lembrança de assombro ao mesmo tempo em que atormenta as consciências em uma escala até então inédita. “Não passa, não passa mais [...] não deve passar [...] pois as lembrança, dominada ou não, serve doravante de alerta de advertência de uma possível recidiva a imagem do anjo da história de Walter Benjamin”.⁵¹ O anjo de Benjamin, na verdade de Paul Klee, é o quadro *Angelus Novus*, em que está representado um ser celestial que parece querer se afastar de algo que encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. Benjamin diz que o anjo da história deve ter esse aspecto. Olhando para o passando, onde nós vemos uma série de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa sob seus pés.⁵²

⁴⁷ *Ibidem*, pp. 17-21.

⁴⁸ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 30.

⁴⁹ MARWICK, Arthur. *Op. Cit.*

⁵⁰ HOBBSAWM, Eric. *Op. Cit.*, pp. 25.

⁵¹ ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016, pp. 115.

⁵² BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2012, pp. 13-14.

A guerra chega ao fim. No entre guerras, a vida volta ao normal, mas não volta. A estrutura se destrói, seja ela política, cultural, psicológica, mas a história continua. A Primeira Guerra “não resolveu nada”, as esperanças de um mundo pacífico pós-guerra se frustraram, a Inglaterra não ocupava o “topo do mundo”: “o passado estava fora de alcance, o futuro fora adiado, o presente era amargo [...]”.⁵³ Os lares prometidos aos heróis e os sonhos sociais utópicos criados pela retórica de guerra foram brutalmente eliminados pela inflação, pelo desemprego e pelas privações generalizadas (além da epidemia de gripe que devastou o mundo, matando mais pessoas do que a própria guerra). “A desilusão foi o desfecho inevitável da paz”.⁵⁴

Cito o poeta francês Paul Valéry: “a tempestade se extinguiu e ainda estamos inquietos, desassossegados, como se a tempestade estivesse por irromper”, e sabiamente continua, “a mente foi na verdade cruelmente ferida [...]”.⁵⁵ Já Bertrand Russell lembra que o fim do conflito foi tão rápido e dramático que ninguém teve tempo de ajustar os sentimentos para a mudança de circunstâncias. A população como um todo regozijou o silêncio das armas, inclusive o próprio matemático, mas, o autor relata que se manteve tão solitário quanto antes.⁵⁶ Na introdução da coletânea de ensaios, Russell defende que todos os males do século XX brotaram da “inevitável tragédia grega decorrente da Primeira Guerra Mundial”.⁵⁷

A fratura existiu e foi notada, a Europa foi deslocada do centro de referência como desenvolvido (intelectual e tecnicamente). No período de publicação de *Retratos da Memória*, Russell enxergava na China, onde morou durante o ano de 1920, um dos países com maior potencial de se tornar uma grande nação (enxergando a possibilidade de conciliação entre tradição e modernização).⁵⁸ Já sua análise sobre os Estados Unidos da América cambaleava cada vez mais para o abandono desse país como um modelo de liberdade, o primeiro choque foi com a entrada deste último na Primeira Guerra, depois com a corrida nuclear, por fim, a Guerra do Vietnã veio para sepultar de vez os Estados Unidos como um ideal de país (Russell foi um dos manifestantes mais expressivos contra a Guerra do Vietnã, tendo um tribunal de crimes de guerra com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir).⁵⁹

Como consequência da Primeira Guerra, Russell conta que estava absorvido com a importância da relação entre política e psicologia individual.⁶⁰ O filósofo inglês chegou à conclusão de que o que as massas dos homens fazem é resultado das paixões em comum a todos, e, estas últimas, não são as que os tradicionais teóricos políticos enfatizaram. Não eram os governos insensatos e tirânicos que usavam a população, mas sim as populações que estavam entregues às suas paixões. Nessa linha, Bertrand Russell

⁵³HOBSBAWM, Eric. *Op. Cit.*, pp. 57.

⁵⁴EKSTEINS, Modris. *Op. Cit.*, pp. 332.

⁵⁵VALERY apud EKSTEINS, *Op. Cit.*, pp. 327 e 329.

⁵⁶RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 31.

⁵⁷*Ibidem.*, pp. 6.

⁵⁸RUSSELL, Bertrand. *Autobiography*. New York: Routledge, 2009, pp. 356-382.

⁵⁹RUSSELL, Bertrand. *War crimes in Vietnam*. New York: MonthlyReview Press, 1967.

⁶⁰As reflexões das quais o autor se refere podem ser encontradas na coletânea: RUSSELL, Bertrand. *Sceptical essays*. London: Unwin Brothers LTD, Woking, 1928.

chegou à máxima de que um mundo pacífico não pode ser construído tendo como base populações que se deleitam em lutar e matar. Argumenta ainda que nenhuma reforma poderia ser estável a não ser que alterasse o sentimento individual. A conclusão do matemático é de que o caráter egocêntrico de nossos desejos interferem em nossa ética.⁶¹ Apenas uma moral baseada no racionalismo, que mire no progresso da humanidade, é capaz de brevar as paixões humanas. Essas são ideias presentes em outros pensadores do século XX, como, por exemplo, Ernst Cassirer, e sua defesa de parte do legado do Iluminismo como forma de combater o irracionalismo.⁶²

Esse “Iluminismo tardio” que Russell expressa em seus escritos ainda possui expressão até os dias atuais: durante a Guerra Fria, período dos escritos da coletânea, muitos cientistas militantes do desarmamento nuclear (como Albert Einstein, amigo de Russell) utilizariam do mesmo repertório argumentativo de Bertrand Russell. Na visão desses sujeitos, o problema não se encontra na ciência em si, mas no uso passional dos frutos desta última – lê-se: na utilização da técnica por Estados-Nação autoritários e irracionais.

Somado a isso, os ideais, mesmo de progresso, não eram mais tão sólidos quanto antes. Russell afirma:

A história faz com que se tenha consciência de que não há finalidade nos assuntos humanos; não há uma perfeição estática e uma sabedoria que não possa ser provada. Qualquer sabedoria que tenhamos alcançado é uma questão pequena em comparação com o que é possível. Quaisquer que sejam as crenças que possamos estimar, mesmo aquelas que consideramos mais importantes, provavelmente não durarão para sempre; e, se imaginarmos que elas personificam as verdades eternas, o futuro provavelmente zombará de nós.⁶³

Em determinado ensaio, o filósofo inglês conjectura que a maioria das pessoas concordaria que sua era ultrapassou todas as anteriores em conhecimento, mas não houve um aumento da sabedoria. O desenvolvimento da técnica está, nesse momento, desvinculado do aperfeiçoamento humano de forma estrutural: a catarse de Russell repousou no fato de que o método científico vai além do desenvolvimento técnico, mas perpassa por uma sabedoria racional capaz de guiar nossos preceitos morais. Há uma moralização do pensamento científico, no sentido de um elogio ao ceticismo contemporâneo e da valorização das evidências como base para crenças humanas. A conclusão de Russell é que em alguns casos, perseguir um conhecimento pode se tornar prejudicial, a não ser que seja combinado com a sabedoria; tendo esta última o sentido de uma visão compreensiva do contexto histórico. Portanto, com cada aumento de conhecimento e técnica, a sabedoria se tornaria mais necessária, visto que um aumento potencializa nossa capacidade de realizar nossos propósitos e, por conseguinte, amplia nossa capacidade para o mal.⁶⁴

⁶¹ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, 1956, pp. 181.

⁶² Ver: CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

⁶³ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, 1956, pp. 197.

⁶⁴ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, pp. 174.

O que temos é que Russell constrói um uso responsável da técnica como condição para o progresso contínuo. De fato, não houve o abandono das ideias centrais da modernidade, mas uma adaptação destas tendo em vista as experiências adquiridas. Essa é outra tradição de pensamento relacionada à técnica: podemos enxergar em Hannah Arendt aspectos desse modo de pensar em relação à técnica e ao progresso.⁶⁵ Somado a ela, temos também Albert Einstein, ao dizer: “compreendemos melhor agora que os esforços mais consideráveis devem ser empregados no sentido de que a herança se torne, para a humanidade, não uma catástrofe, mas uma oportunidade”.⁶⁶ Ávido defensor da ciência, amigo pessoal de Russell, compartilhava de visão semelhante do autor aqui analisado no que tange à técnica e ao seu uso para o progresso.

Apesar dos pesares, como um filho do otimismo vitoriano, o filósofo aqui em questão diz que esse espírito totalmente otimista não é mais plausível. Todavia, Russell defende ainda que é preciso abster-se do momento e olhar para um futuro distante para se ter esperança. Necessitava-se manter convicto de que, não importa os tempos sombrios que se apresentem perante toda a humanidade ainda emergiria, a indulgência retornaria e o reino da violência brutal não duraria para sempre. A humanidade precisaria aprender novas lições para lapidar sua sabedoria. O que pode ser resumido em: “se o mundo emergir, vai precisar de pensamento honesto e de sentimento de gentileza”.⁶⁷

Considerações finais

Retomando o argumento de Berman sobre as fases da modernidade, Russell presenciou tanto a segunda, quanto a terceira fase. Vive no surgimento de uma esfera pública na qual a ode às diferentes visões do progresso (incluindo a utopia marxista), e morreu enxergando uma esfera pública demasiadamente achatada em polaridades e dualismos. Nesse meio tempo, a Primeira Guerra foi um baque nesse âmbito, pois evidenciou de forma prática as contradições historicistas e positivistas da história ao mergulhar a Europa em um massacre insensato.

Nesse sentido, a concepção de uma “guerra total” no que tange à grande mobilização de diversos setores sociais para o conflito é fundamental para nos fornecer um arcabouço teórico da batalha, no qual podemos enxergar um *continuum* entre a condição belicosa e a sociedade. Em poucas palavras, uma continuidade entre a esfera pública e a guerra. Uma sociedade em guerra, pensa em termos da crise do conflito. Apesar da Guerra não ser um catalizador de nenhum fenômeno social, mas um fato social em si, as constantes demandas criadas pelo embate necessitam de respostas. Russell, como almejei demonstrar, ao

⁶⁵Ver: ARENDT, Hannah. *On Violence*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1969; _____. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁶⁶EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981, pp. 45.

⁶⁷RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, 1956, pp. 12.

lembrar da Primeira Guerra Mundial, enxergou ela justamente seu Mefistófeles, ou seja, o demônio que possibilitou alcançar uma nova sabedoria, um novo entendimento, sobre a humanidade.

A própria experiência do tempo do autor é condicionada pelo dilúvio trágico que foi a Primeira Guerra, o que significa que sua consciência histórica (e filosófica) foi significativamente marcada por ela – a ponto de ocorrer o abandono de diversas concepções. Ademais, há uma estruturação de uma nova perspectiva filosófica do tecido social: a análise das paixões individuais que Russell conjecturou fazem parte de um novo repertório de experiências que obteve ao enxergar o entusiasmo popular com a Guerra. Entretanto, o que considero mais importante não é essa aproximação com a psicanálise, mas a consolidação de um modelo filosófico-social no qual apenas o racionalismo científico individual e institucional seria capaz de breçar os impulsos irracionais da humanidade.

Nos termos do matemático, a Primeira Guerra teria sido evitada se as instituições estivessem dotadas de um senso histórico sábio, o qual encontra na razão científica os freios dos impulsos irracionais. Em resumo, o que é defendido por Bertrand Russell como desenlace aos questionamentos levantados pela Primeira Guerra Mundial seria que há a necessidade de exercer “a prática de seguir a evidência e renunciar à certeza na qual falta a evidência”.⁶⁸

De fato, o pensamento de Russell ainda decorre da tradição do *Enlightenment*, no qual as paixões devem ser subalternas à Razão. Entretanto, apenas as paixões “destrutivas” são colocadas em cheque. As paixões na arte, no ócio e no amor ainda são exaltadas pelo autor como formas de se encontrar uma vida virtuosa, cito: “a boa vida é inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento”.⁶⁹ O ponto é que Russell tomou um caminho distinto de outros pensadores do século XX, críticos da modernidade: um caminho expresso pelo abraço do pensamento científico como resposta às mazelas do mundo. A máxima de “se atentar às evidências” guiaria o pensamento russelliano (e de outros autores) contra os vieses pessoais de cada um. O que não significava a crença simplista de que seria possível suprimir completamente sua individualidade em um estudo, mas sim “desantropocizar” a realidade natural e criar empatia em relação aos seus semelhantes. Em suma, os processos históricos para o progresso só poderiam ser alcançados se o trajeto fosse iluminado pelo pensamento racional. Dessa forma, a metáfora de Carl Sagan se aplicaria perfeitamente: “a ciência vista como uma vela no escuro”.⁷⁰

Referências

ARENDDT, Hannah. *On Violence*. Nova Yorke: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1969; _____, *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.

⁶⁸ RUSSELL, Bertrand. *Op. Cit.*, 1956, pp. 180.

⁶⁹ RUSSELL, Bertrand. *What I believe*. London: Routledge, 2004, pp. 10. Grifomeu.

⁷⁰ SAGAN, Carl. *Op. Cit.*.

- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Belo Horizonte: autêntica Editora, 2012.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CASSIRER, Ernst. *O Mito do Estado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- EKSTEINS, Modris. *A sacração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- FERRO, Marc. *The Great War: 1914-1918*. London & New York: Taylor & Francis e-Library, 2006.
- HARARI, Yuval N. *Sapiens*. Uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- HORNE, John (org). *A companion to World War I*. Sussex: Blackwell Publishing ltd., 2010.
- _____. *State Society and mobilization in Europe during the First World War*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora/PUC-Rio, 2006.
- MARWICK, Arthur. *The Deluge: british society and the first world war*. New York: Palgrave Macmillan, 1991.
- MAYER, Arno. *A força da tradição: a persistência do Antigo Regime, 1848-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MONK, Ray. *Bertrand Russell*. British logicianandphilopher. EncyclopædiaBritannica, 2019. Disponível em: < <https://www.britannica.com/biography/Bertrand-Russell> > último acesso 03/06/2020.
- NEWBERRY, Jo. *Bertrand Russell and the pacifists in the First World War*. Tese submetida para a obtenção do grau de *DoctorofPhilosophy* para a McCasterUniversity, 1975, p. 11.
- PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PINKER, Steven. *O novo Iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente e o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016, pp. 115.
- RUSSELL, Bertrand. *Autobiography*. New York: Routledge, 2009.

_____. *Portraits from memory & other essays*. New York: NY, Simon and Scuster, Inc. Rockefeller Center, 1956.

_____. *Sceptical essays*. London: Unwin Brothers LTD, Woking, 1928.

_____. *War crimes in Vietnam*. New York: MonthlyReview Press, 1967.

_____. *What I believe*. London: Routledge, 2004.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

WELLS, Herbert G. Daily News, 14 August 1914. *Daily Chronitle*, 8 August 1914.

WINTER, Denis. *Death's men: soldiers of the Great War*. Middlesex: Penguin Books ltd, p. 1979.

Recebido em 28/06/20 aceito para publicação em 06/08/20



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.

Revista Vernáculo n.º 46 – segundo semestre/2020

ISSN 2317-4021